

18/09/2019

## Por que lutar? O exemplo do (e para o) campo da Saúde do Trabalhador

### Diego de Oliveira Souza

[Doutor em Serviço Social/UERJ. Professor do PPGSS-UFAL/Maceió e da graduação em Enfermagem/UFAL/Arapiraca]

A história é repleta de conquistas e avanços coletivos da humanidade, apenas possíveis mediante a organização social para as lutas contra grupos elitistas que, geralmente, por buscarmos, a qualquer custo, a satisfação de seus benefícios privados, obstaculizam o desenvolvimento coletivo. No bojo dessas lutas, ganha destaque histórico (e centralidade) as lutas efetivadas no âmbito do antagonismo de classes. Trata-se de observar o ensinamento do velho Marx, no qual a luta de classes corresponde ao motor da história, entendida dialeticamente.

Ainda que no limite daquilo que é possível nos marcos do capitalismo, foi através das lutas sociais e, sobremaneira, da luta de classes, que elementos importantes dos direitos e políticas sociais foram postos na dinâmica da democracia burguesa. Muitos desses elementos tocam, direta ou indiretamente, a questão da saúde dos trabalhadores. Mais do que isso: diríamos que muitos desses elementos foram conquistados por aqueles que militaram/lutaram no campo da Saúde do Trabalhador.

Vale recordar que, diferentemente dos campos da Medicina do Trabalho e da Saúde Ocupacional, a Saúde do Trabalhador tem sua origem consignada às lutas dos trabalhadores por saúde. Ela nasce no seio do movimento operário, tem seu instrumental teórico-metodológico constituído mediante uma validação consensual entre saber operário (na condição de protagonista) e o saber de técnicos da saúde que, no bojo da luta de classes, aliaram-se à classe trabalhadora.

Os anos finais da década de 1960 e o início da década seguinte são emblemáticos para a reciprocidade histórica, ainda que temporária, que existiu entre Saúde do Trabalhador e o movimento operário italiano. Este, teve sua dinâmica, em grande parte, pautada pela luta dos trabalhadores por saúde à época; aquela, por sua vez, se origina, enquanto campo, a partir de tais lutas. Ou seja, uma vez revelada a relação de determinação do modo de produção para com a saúde da classe trabalhadora, a luta nessa seara assume caráter decisivo, ganhando destaque na pauta do movimento operário e das instituições, sobremaneira, do Estado.

É este movimento, dos italianos, que dá origem a um novo modelo, organicamente articulado com o saber operário e trazendo para o seu âmago a ideia de que lutar por saúde perpassa a luta contra o capital.

É a partir daí que a Saúde do Trabalhador passa a incorporar as pautas de diversas outras lutas sociais: pela reforma sanitária (na Itália e, depois, também no Brasil), pelo meio ambiente, pelos direitos trabalhistas e previdenciários, pela democracia, pelo socialismo etc. Não nos faltam exemplos dados pela Saúde do Trabalhador sobre para que e por que lutar.

No Brasil, teremos o auge desse processo na década de 1980, confluindo ao movimento de reforma sanitária, com um histórico construído previamente na Saúde do Trabalhador e que contribuiu no desenrolar das lutas, seja nos Programas de Saúde do Trabalhador junto aos sindicatos, seja no âmbito mais acadêmico. Alguns nomes de destaque fizeram essa história, como Fadel, Lacaz, Minayo-Gomez, Ana Inês Simões, Jorge Machado e tantos outros que, de diferentes formas, contribuíram para essas lutas e construíram um legado a ser defendido. Constatamos, portanto, que lutar faz parte da origem, está na essência do campo da Saúde do Trabalhador. Ainda que ele, junto com os movimentos operários e sociais em geral, tenha passado (e passe) por períodos contrarrevolucionários, com menos brio e muita condescendência, não pode se descolar de suas raízes, pois ele (o campo da Saúde do Trabalhador) só é o que é, graças à rebeldia e, muitas vezes, ao espírito de revolução que lhe constitui. Com efeito, nesse movimento dialético, a Saúde do Trabalhador ganhou forma nas lutas históricas e, ao mesmo tempo, traz a sua história como exemplo para os desafios contemporâneos. E esses desafios não são poucos: no que diz respeito ao adoecimento do trabalho, há um cenário complexo de sofrimento psíquico ante a precarização do trabalho, “uberização”, amplificação do uso das tecnologias a serviço da produtividade etc.; no âmbito geral, o retrocesso com as reformas trabalhista e previdenciária, uma possível reforma do SUS, as tragédias ambientais (ligadas a uma política que lida com o meio ambiente de forma irresponsável) etc. dão o tom aos desafios nos quais, direta e indiretamente, a Saúde do Trabalhador pode e deve contribuir. A Saúde do Trabalhador, de hoje, não pode se furtar de assumir um posicionamento nessas lutas, sob a pena de negar a si mesma. Olhar para a sua própria história pode ajudar nessa tarefa, trazendo inspiração e exemplos que revelam que o horizonte de luta deve estar para além de seu próprio campo, junto à classe trabalhadora, onde houver luta! ■■■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*